

O DETERMINISTA-FATALISTA, O FILISTEU E O CRENTE

Categorizações kierkegaardianas sobre a pessoa diante do Desespero na
Necessidade ou de Carência do Possível

THE DETERMINIST-FATALIST, THE PHILISTIC AND THE BELIEVER

Kierkegaardian categorizations about the person faced with Despair in Necessity or Lack of
the Possible

Gladson Cunha*

RESUMO

Para o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, o desespero é um dos meios pelo qual o ser humano toma ciência de si mesmo como uma síntese entre finito e infinito, de que é espírito. O desespero se manifesta nas várias relações dialéticas que envolvem a existência humana. Uma delas é a relação necessidade-possibilidade, sendo que o desespero pode tanto se manifestar no excesso de possibilidade ou falta da necessidade como também na necessidade ou falta do possível. Nesta última, o autor categoriza três tipos de pessoas, que se tornam uma espécie de padrão para o modo de lidar com o problema do desespero na experiência de existir. Assim, o objetivo deste ensaio é refletir sobre as categorias de desesperados que Kierkegaard apresenta na Primeira Parte, Livro III, Capítulo I de *O Desespero Humano*, considerando cada uma dessas categorias com o modo de relação específica com o Desespero. Para tanto, far-se-á uma breve e básica apresentação do tema kierkegaardiano do *desespero*.

PALAVRAS-CHAVES

Kierkegaard. Desespero. Necessidade. Existência. Pecado.

ABSTRACT

For the Danish philosopher Søren Kierkegaard, despair is one of how the human being becomes aware of himself as a synthesis between finite and infinite, of which he is spirit. Despair manifests itself in the various dialectical relationships that involve human existence. One of them is the need-possibility relationship, and despair can manifest itself in the excess of possibility or lack of need as well as in the need or lack of the possible. In the latter, the author categorizes three types of people, who become a kind of standard for how to deal with the problem of despair in the experience of existing. Thus, the purpose of this essay is to reflect on the categories of desperate that Kierkegaard presents in Part One, Book III, Chapter I of *Sickness unto Death*, considering each of these categories with the specific relationship with *Despair*. For this purpose, a brief and basic presentation of the Kierkegaardian theme of *Despair* will be made.

KEYWORDS

Kierkegaard. Despair. Necessity. Existence. Sin.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestrando em Filosofia e especialista em Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Licenciado em Filosofia pela Universidade de Franca (Unifran). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Coordenador e professor da graduação em Teologia da Faculdade Brasileira Cristã (FBC), Serra/ES.

E-mail: gladsoncunha@gmail.com

INTRODUÇÃO

A existência humana é uma experiência vivida sob um profundo sentimento de desamparo. Esse mesmo desamparo parece ter conduzido a reflexão filosófica e, conseqüentemente, o modo como a sociedade completa a total falta de sentido. Diante do profundo abismo existencial há apenas duas alternativas: estabacar-se no fundo abismal incerto ou lançar-se aos cuidados daquele que criou o ente existente¹. Esta última possibilidade foi apresentada pelo dinamarquês Søren Kierkegaard.

O objetivo deste ensaio é refletir sobre as categorias de desesperados que Kierkegaard apresenta na Primeira Parte, Livro III, Capítulo I de *O Desespero Humano*, considerando cada uma dessas categorias com o modo de relação específica com o Desespero. Para tanto, far-se-á uma breve e básica apresentação do tema kierkegaardiano do *desespero*.

Primeiramente, será feita uma apresentação geral do conceito elaborado por Kierkegaard, sob o pseudônimo, Johannes Anti-Climacus, em *O Desespero Humano*. Posteriormente, o foco deste trabalho recairá sobre o *desespero na necessidade*, seu sentido e manifestação no real. Por fim, serão abordadas e analisadas as categorias kierkegaardianas da pessoa diante do desespero, categorias que aparecem não apenas na obra em questão, mas em outros trabalhos do filósofo dinamarquês. Não se pretende com este trabalho estabelecer nenhuma espécie de diálogo. Trata-se apenas de um trabalho interpretativo.

1 O DESESPERO HUMANO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA OBRA E DO CONCEITO

*O desespero é a doença mortal*². Essa é a afirmação mais básica que Søren Kierkegaard utiliza em toda a sua obra sobre o *desespero humano* – que é o título em português de sua obra de 1849, do dinamarquês, *Sygdommen til Døden*, ou *Doença para a Morte*. Esta é uma obra da fase religiosa de Kierkegaard, na qual o filósofo dinamarquês utiliza o pseudônimo Anti-Climacus.

A heteronímia é um elemento que precisa ser minimamente considerado para a compreensão de Kierkegaard, porquanto ele utiliza desse gênero literário como meio para gerar diálogo e alternância de argumento entre os seus escritos. Neste caso, Anti-Climacus, o pseudônimo de O Desespero Humano, é um contraponto e antagonista de outro heterônimo kierkegaardiano, isto é, de Johannes Climacus³. Bem como são antagonicas suas percepções da religiosidade.

Em Kierkegaard, existem dois tipos de religiosidade, denominadas respectivamente de Religiosidade A e B⁴. Climacus, principalmente no *Post-Scriptum*, advoga a religiosidade do tipo A, que “acentua a existência como realidade e eternidade que não obstante suporta todas as coisas na imanência que está em sua

¹ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p.20.

² KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p.19, 23.

³ GONI, Carlos. *Kierkegaard: Estamos solos ante nosotros mismos y ante Dios*. España: RBA, 2015, p.13. Sobre maiores detalhes acerca dos heterônimos ou pseudônimos de Kierkegaard, recomenda-se: GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo*. São Paulo: Novo Século, 2000, pp.263-269. Ver também: KIERKEGAARD, Søren. *A first and last declaration*. In: KIERKEGAARD, Søren; HANNAY, Alastair (ed). *Concluding Unscientific Postscript to the Philosophical Crumbs*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp.527-531.

⁴ Cf. SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. *A existência ética e religiosa em Kierkegaard: continuidade ou ruptura?* (Tese). São Carlos: UFSCar, 2010, p.108. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4776/3042.pdf?sequence=1>. Acesso em 28 de março de 2019.

base”⁵. Enquanto Anti-Climacus é um cristão religioso que vê a si próprio num grau extraordinariamente alto como cristão⁶. que advoga a *religiosidade B* ou paradoxal, que, como explica Laura Sampaio, “*apresenta-se como fundada na revelação, quer dizer, o conhecimento de Deus se dá por meio de uma revelação transcendental*”⁷. Porém, o que determina, em grau a diferença entre os dois tipos de religiosidade é que a *religiosidade A* não é cristã, como deixa claro Kierkegaard no *Post-Scriptum*⁸.

Isso fará toda diferença quando se for analisar as categorias elaboradas Anti-Climacus/Kierkegaard para descrever a pessoa humana diante do desespero na necessidade, que é também desespero na imanência. Porquanto, a bagagem religiosa do crítico dinamarquês traz elementos próprios e essenciais ao cristianismo, como Deus, graça, fé, esperança, pecado, entre outros, os quais podem e têm diferentes interpretações noutras religiões, o que alteraria em muito o resultado da reflexão kierkegaardiana sobre o desespero. Por ora, essas considerações serão úteis para determinar o modo como foi lido Kierkegaard. Mas, o que vêm a ser o Desespero Humano, essa Doença para a Morte?

Kierkegaard define o desespero como a “*doença do espírito, do eu, o desespero pode como tal tomar três figuras: O desespero inconsciente de ter um eu (o que é verdadeiro desespero); o desespero que não quer, e o desespero que quer ser ele próprio*”⁹. Para Anti-Climacus, o desespero está relacionado a perda da eternidade¹⁰. Em termos cristãos, isso significa a *danção eterna*, em termos filosóficos, o *não-ser*. Aqui, o desespero é perda do eterno, porque o desespero está relacionado com o pecado, como afirma Kierkegaard:

Pecamos quando, frente a Deus ou da ideia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós mesmos. Desse modo, o pecado é fraqueza ou desafio elevados a suprema potência. Portanto, é condensação do desespero. O acento recai sobre estar perante Deus ou ter a ideia de Deus. Isso faz do pecado aquilo que os juristas chamam de “desespero qualificado”. Sua natureza dialética, ética, religiosa, é a ideia de Deus¹¹.

O desespero e o pecado são a mesma coisa. O pecado não é pensado por Kierkegaard em termos socráticos ou filosóficos, coisa que é descartada por ele mesmo, mas bíblicos¹². Isso acontece porque o pecado em Sócrates é ignorância e para os contemporâneos de Kierkegaard era a mesma coisa, porém acrescida de argumentação cristianizada. No texto de Anti-Climacus, o pecado é ação e não negação. É ação que tem fundamento na revelação. Por isso, faz sentido recuperar o entendimento religioso que orientava a confessionalidade luterana, acerca do que vem a ser o pecado e a sua origem:

Ensina-se, outrossim, entre nós que depois da queda de Adão todos os homens naturalmente nascidos são concebidos e nascidos em pecado, isto é, que desde o ventre materno todos estão plenos de concupiscência e inclinação más, e por natureza não podem ter verdadeiro temor de Deus e verdadeira fé em Deus. Também, que essa inata pestilência e pecado hereditário verdadeiramente é pecado

⁵ KIERKEGAARD, Søren. **Post scriptum aux miettes philosophiques**. Paris: Gallimard, 1949, p.475 *apud* SAMPAIO, A **existência ética e religiosa em Kierkegaard**, p.108.

⁶ KIERKEGAARD, Søren. **Kierkegaard's Journal and Papers**, v.6. Bloomington: Indiana University Press, 1978, p.6433 *apud* GOUVÊA, **Paixão pelo Paradoxo**, p.269.

⁷ SAMPAIO, A **existência ética e religiosa em Kierkegaard**, p.108.

⁸ KIERKEGAARD. **Concluding Unscientific Postscript to the Philosophical Crumbs**, p. 465.

⁹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 19.

¹⁰ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 60

¹¹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 73.

¹² KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 82.

e condena à eterna ira de Deus a quantos não renascem pelo batismo e pelo Espírito Santo¹³.

Sim, é na narrativa de Gn 3,1-16, que Anti-Climacus vê a ação inicial. Aliás, não apenas o desespero, mas também a angústia humana tem o seu ponto inicial nessa narrativa (e aqui pouco importa sua historicidade, esse não é um problema para a filosofia, é um problema dos exegetas e teólogos)¹⁴. A revelação¹⁵ como tal demonstra o fato, a humanidade em desacordo com Deus, numa simultânea reação de não querer e querer ser ela mesma para si e não para Deus, esta é a definição kierkegaardiana do pecado¹⁶.

Por conta do pecado original e sua propagação pela humanidade, o desespero está presente na própria constituição humana, ligado ao eu, que é o que estabelece e é a relação das diversas dimensões dialéticas¹⁷ do ente humano, representadas no corpo e alma, mas que engloba outras relações, como infinito-finito, possibilidade-necessidade e ignorância-conhecimento.

O humano de Kierkegaard é espírito. Espírito eterno, que só não é mais eterno do que Deus¹⁸. Ele é essa relação de síntese, que se volta “*sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida*”¹⁹. Nesse voltar-se sobre si mesma, sobre esse estabelecimento que não lhe é próprio, mas lhe é externo, é que o desespero se apresenta quando, o ente humano não acolhe a dialética do seu existir. Ignorar-se como tal, não querer ser o que se é ou ainda querer ser o que se é, um desesperado, resultam apenas no desespero, que é a doença do espírito²⁰, como conclui, um pouco adiante, o próprio Kierkegaard:

¹³ CONFISSÃO DE AUGUSBURGO (CA), Art. 2. In: **Livro de Concórdia**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1992, p.29. O dogma do pecado original é parte da constitutiva da fé cristã. Desde os escritos do Novo Testamento, a tendência da reflexão teológica cristã é atribuir à narrativa do pecado de Adão e Eva a origem do pecado e do mal (Cf. Gn 3,1-16; Rm). Contudo, Agostinho de Hipona teria um papel fundamental na formalização desse dogma, principalmente na obra *Sobre a Graça*, que é uma resposta agostiniana ao ensino de Pelágio, que negava o pecado original, ou ao menos o via menos danoso que Agostinho. A posição agostiniana tomou novo vigor com a Reforma Protestante do século 16, tanto nos escritos de Lutero como nos de Calvino. Cf. AGOSTINHO. **A Graça (I)**, v.12. São Paulo: Paulus, 2002, p.114.

¹⁴ Cf. KIERKEGAARD, Søren. **O Conceito da Angústia**. Petrópolis: Vozes, 2017, p.39 [Kindle Edition].

¹⁵ O termo revelação é teológico. Esse termo é usado para se referir a comunicação de Deus com os seres humanos, uma vez que, de outra maneira, Deus seria desconhecido à humanidade. Para os cristãos, a revelação de Deus está registrada nas Escrituras do Antigo e Novo Testamento. Há um leque de compreensões de como isso acontece e métodos de interpretação. Ao considerar o caso de Kierkegaard, entendendo que de alguma maneira seus heterônimos o representam, verifica-se que ele segue o método histórico-crítico que, grosso modo, orienta-se pela busca da reconstrução do texto bíblico em todas as dimensões – histórica, política, social, literária etc. – sendo um modelo de hermenêutica considerada mais científico. Porém, a revelação não é igual ao texto bíblico, mas se encontra nele. [...]. Portanto, não se pode atribuir a Kierkegaard uma leitura “fundamentalista” – o que seria um anacronismo – nem tampouco pietista.

¹⁶ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 73.

¹⁷ Ainda que seja conhecido o fato que a filosofia de Kierkegaard é uma reação ao sistema idealista de Hegel, por isso também, é preciso ter em mente que o sentido de dialética para o existencialista dinamarquês é diferente da hegeliana. Assim como a dialética de Sócrates, afirma Hélène Politis, a de Kierkegaard pode ser descrita como irônica, busca o entendimento, “permanecem deliberadamente interrogativas, críticas, sem qualquer conclusão abrangente”, ou seja, sem qualquer síntese totalizante. Cf. POLITIS, Hélène. **Le Vocabulaire de Kierkegaard**. Paris: Ellipses, 2002, p.16.

¹⁸ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 19

¹⁹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 19.

²⁰ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 19.

Dessa forma, estar mortalmente doente é não poder morrer, mas nesse caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade da última esperança, a impossibilidade de morrer. [...] Portanto, nessa última acepção o desespero é a doença mortal esse suplício contraditório, eternidade do eu. Eternamente morrer, morrer sem, todavia, morrer, morrer a morte.²¹

Visto dessa perspectiva, o desespero é a doença para a morte, porque ele é o pecado, a doença do espírito. O que infligem ao ente humano sua incompletude ou incapacidade de ser diante de Deus. Para Kierkegaard, e sobre isso se detalhará mais a frente em momento mais apropriado, os pagãos careciam do relacionamento com Deus e do eu, por conta, do panteísmo que imanentizava todas as coisas. Não havia o transcendente, por isso não havia nem a revelação e a noção do pecado, isto é, do desespero. Assim, a falta de vontade da relação imanente-transcendente do eu orientada para Deus é que estabelece o desespero²², sempre numa dinâmica intensificadora e renovadora²³.

O contrário do desespero é crer²⁴. O desespero é o pecado; pecado que conduz a morte²⁵. Eis porque ser o desespero a doença para a morte dentro do pensamento de Søren Kierkegaard, a permanência nessa condição de ignorância, fraqueza ou desafio contra Deus, é permanência na condição de pecado e, portanto, de escândalo²⁶, como Kierkegaard trabalha na segunda parte de sua obra aqui considerada. Morte ou não-ser é a situação desesperada do ser humano alienado e incapaz de Deus. Por isso, considerou Anti-Climacus em sua meditação:

Mas o contrário de desesperar é crer; aquilo que atrás foi exposto, como fórmula dum estado do qual o desespero foi eliminado, vem a ser afinal a fórmula da fé: descendo em si próprio, querendo ser si próprio, o eu mergulha através da sua própria transparência no poder que lhe deu existência²⁷.

É nesse sentido que Gouvêa considerou que, da mesma maneira que a angústia, conforme *O Conceito da Angústia*, de 1844, “o *desespero* é descrito como uma possível passagem para a recuperação e a fé”²⁸. Considerando novamente a interpretação de Gouvêa, “a angústia nos ajuda a entender meus ombros, onde estamos e para onde devemos ir, e assim é o caminho para a santificação”²⁹. Da mesma forma, o desespero-pecado coloca o ser humano diante de Deus, o que vem a partir daí é uma decisão existencial, por assim dizer. É o salto.

²¹ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 19.

²² HANNAY, Alastair. **Spirit and the Idea of the Self as a Reflexive Relation**. In: PERKINS, Robert L. (ed.). **International Kierkegaard Commentary: Sickness unto Death**, Vol. 19. Macon: Mercer University Press, 2001, p. 36.

²³ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 97.

²⁴ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 19.

²⁴ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 19.

²⁵ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p.77.

²⁶ O termo escândalo é a reação oposta a fé. Para Kierkegaard, o cristianismo é formado por diversos paradoxos – homem-Deus, justo-pecador, fé-obras etc. Como é sabido, em sua dialética não ocorre síntese, mas as verdades opostas são mantidas no paradoxo. A fé aceita e se satisfaz com o mistério contemplado, ainda que a razão não consiga dirimir o laço formado. Já o escândalo é o fracasso da razão diante do mistério, seja por sua fraqueza em compreender, seja pelo seu orgulho de não compreender o que está no paradoxo, e principalmente no Paradoxo Absoluto, que é Jesus Cristo, o homem-Deus. Cf. KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, pp. 78-82; GOUVÊA, *Paixão pelo Paradoxo*, p.159.

²⁷ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p.49.

²⁸ GOUVÊA, *Paixão pelo Paradoxo*, p.251.

²⁹ GOUVÊA, *Paixão pelo Paradoxo*, p.237.

Mas não se trata de um *salto no escuro*, como insinuam partidários e críticos de Kierkegaard, antes, é um salto ou um mergulho consciente e cognoscente a Deus³⁰. Recorrendo a Gouvêa, “a fé como o salto, já que requer uma escolha, mas falando estritamente, eu não posso decidir ter fé em Jesus . esta fé deve ser criada em mim pelo próprio Deus”³¹. Ou salta-se ou escandaliza-se. Por isso,

Kierkegaard sem dúvida recomendava um salto através da dita vala horrível, ou seja, um salto da especulação racionalista de volta ao cristianismo histórico e há uma fé historicamente fundada, ainda que esta fé tenha que ser percebida como paradoxal. A larga vala entre o temporal e o eterno diria ele, já foi atravessada por Cristo, pois Cristo é aquele indivíduo em que tempo e eternidade se encontram. É por isto que o mistério da Encarnação é, para Kierkegaard, o paradoxo Absoluto³².

O desespero é, portanto, uma condição humana. Inalienável da existência, ele sobressalta cada indivíduo, podendo ser percebido sob várias óticas diferentes, segundo a explicação kierkegaardiana. Desta maneira, Kierkegaard se dedicou a demonstrar o desespero humano sob algumas perspectivas, as quais estão relacionadas com as três formas que o desespero pode tomar: (1) sob a ótica da dupla categoria do finito e do infinito, (2) da dupla categoria do possível e da necessidade e (3) sob a ótica da categoria da consciência. Para este trabalho, será objeto de análise e reflexão a dupla categoria do possível e da necessidade, mais precisamente, a categoria do desespero na necessidade, como será visto no próximo tópico.

2 O DESESPERO NA NECESSIDADE OU DE CARÊNCIA DO POSSÍVEL

O foco desta parte é olhar para o *desespero na necessidade ou de carência do possível*, conforme a Primeira Parte, Livro III, Capítulo I. Esse tipo desespero está diretamente associado com a segunda forma como aquele se manifesta ao espírito humano, isto é, sobre a negação do eu desesperado, negação da relação entre o possível e a necessidade. O possível da existência humana é o sinal característico do pensamento de Kierkegaard. Ao passo que a necessidade, pode ser encarada como a natureza negativa e paralisante desse mesmo possível³³. Então, o que é “*o desespero na necessidade ou de carência do possível*” para Kierkegaard?

Kierkegaard admite que há desespero para o espírito humano, essa relação dialética que origina o eu, tanto no possível como na necessidade³⁴. O desespero no possível é a não realização da possibilidade³⁵. Sendo simultaneamente relação possível-necessidade, o eu humano tem, por assim dizer, a responsabilidade de ser-no-mundo. Ao deixar de lado a necessidade de ser, negando-o, o eu perde-se na perseguição dos infinitos possíveis diante dele.

Essa perseguição ou desvario se dá principalmente de duas formas para Kierkegaard. Na primeira, a perseguição do possível aparece em forma de desejo e de nostalgia³⁶. Há um elemento temporal que determinam tanto o desejo como a nostalgia. No primeiro caso, o desejo, é futuro. É um deslocamento desvairado que abandona o seu lugar concreto e real para lançar-se a perseguição de um pássaro, como conta

³⁰ Sobre a questão da interpretação do conceito do “salto kierkegaardiano” ou “suposto salto de fé”, recomenda-se a leitura de: GOUVÊA, **Paixão pelo Paradoxo**, pp. 131-134.

³¹ GOUVÊA, **Paixão pelo Paradoxo**, p. 132.

³² GOUVÊA, **Paixão pelo Paradoxo**, p. 134.

³³ ABBAGNANO, Nicola. **Storia della Filosofia**, v.3. Torino: UTET, 2003, p.193.

³⁴ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 38.

³⁵ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 38.

³⁶ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 40.

Kierkegaard³⁷. É o perder-se enquanto se busca entre as possíveis possibilidades algo que é tão mutável e escapadizo como o desejo. O outro caso, a nostalgia, abandona o presente para voltar-se ao passado, às perdas, às frustrações talvez. De qualquer modo, é sempre deslocamento do real e da realização do eu.

A segunda forma é de uma melancolia imaginativa (esperança, receio ou angústia)³⁸, conforme escreve Anti-Climacus:

Na melancolia sucede o contrário de maneira idêntica. O homem possuído por um amor melancólico empenha-se em perseguir um possível da sua angústia, que acaba por afastá-lo de si próprio e o faz morrer nessa angústia ou nessa mesma extremidade, na qual ele tanto receava perecer³⁹.

A tendência do desesperado que experimenta esta forma de *melancolia imaginativa* não é o tornar uma espécie de perseguidor de aves, como quem se preocupa em alcançar a felicidade que está projetada à frente. Ao contrário, é o remoer e realimentar-se da angústia do perdido, lamentando-se do que não se pode ser ou do que poderia ter sido. Os pés de sua existência, por assim dizer, não tocam o chão da realidade, não o conduz ao encontro consigo próprio. A possibilidade de não-ter-sido é distração existencial, incapaz de libertar o ente humano do seu desespero.

Em ambos os casos, a pessoa se perde nas possibilidades não-realizáveis. A relação que é o eu – possibilidade e necessidade – não acontece. De alguma maneira, poder-se-ia dizer que a “perda da eternidade do espírito” num não-ser tem uma nessa forma de melancolia uma prolepse, uma antecipação de um futuro da existência desesperada: Não se é nem se pode ser. Esse é o desespero no possível.

Por outro lado, e Kierkegaard dá mais atenção a esse tipo de desespero da relação possível-necessidade, isto é, na pessoa que pode se perder na necessidade. O crítico dinamarquês utiliza da seguinte figura para demonstrar isso:

Suponhamos que transviar-se no possível se compara ao balbuciar infantil, carecer de possível, será, assim, como ser mudo. A necessidade parece ser apenas de consoantes, mas o possível é necessário para pronunciá-las. Se ele falta, se o caso faz com que uma existência dele careça, essa existência será desesperada, e sê-lo-á a cada instante em que a carência se manifeste⁴⁰.

A figura utilizada por Anti-Climacus é para demonstrar a diferença radical dos dois elementos e modos de desesperar-se da relação possível-necessidade. Desesperar-se do possível, ainda que desespero, traz consigo certo benefício. Porquanto não seja positivo, perder-se no possível é melhor que na necessidade, uma vez que os balbucios infantis do possível ainda são possibilidade de vir-a-ser, mas, ao contrário, o desespero na necessidade é sempre mudez e carência, incapacidade de comunicar-se e de se fazer entendido ou entender.

Os modos de expressão do desesperado na necessidade são impronunciáveis. As vogais do possível não existem. Não há como de articular apenas com consoantes. É uma experiência por si só paralisante. Disto se deriva a impossibilidade de qualquer auxílio divino – o Possível absoluto⁴¹.

Contudo, para o filósofo dinamarquês, ainda que o desespero seja uma doença mortal, nem todas as pessoas tinham a mesma experiência diante de tão gravíssima enfermidade. O modo como cada uma dessas categorias – o determinista-fatalista,

³⁷ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 40.

³⁸ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 40.

³⁹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 40.

⁴⁰ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 40.

⁴¹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 42.

filisteu e o crente – se relaciona com o desespero está ligado ao grau da aproximação de Deus, para quem tudo é possível⁴². Essa proximidade tem a ver com a experiência ético-religiosa, o último andar da casa humana⁴³.

3 AS CATEGORIAS DE PESSOAS DIANTE DO DESESPERO

No tópico anterior, verificou-se o entendimento geral, ainda que não exaustivo, daquilo que Kierkegaard chamou de *o desespero na necessidade*, aquela *carência do possível* que o *eu* também pode enfrentar, porquanto ele, o eu, é sempre relação paradoxal, possível-necessidade é um desses modos de relação. No entanto, como Kierkegaard demonstra, nem todas as pessoas encontram-se numa mesma condição diante do desespero. Desta forma, e aqui está o objeto deste trabalho, Anti-Climacus estabelece três categorias de pessoas.

Grosso modo, Anti-Climacus faz essas categorizações levando em consideração alguns critérios: (1) o grau da percepção do eu como espírito síntese relacional e multidimensional; (2) o grau de influência do sistema hegeliano na vida cotidiana dos sujeitos envolvidos em sua observação; (3) a experiência cristã diante de Deus ou da ideia de Deus e, por fim, (4) o modo como as categorias que ele apresenta se relacionam com o desespero, que é também o pecado de não quer e quer ser si mesmo sem Deus. Neste tópico, far-se-á uma sistematização dessas categorias que Kierkegaard apresenta.

3.1 O Determinista-Fatalista

A primeira categoria descrita por Kierkegaard é o determinista e fatalista. É fato que os termos descrevem apenas uma categoria; são tomados como complementares pela pena de Anti-Climacus. Esta categoria de desesperados parece ser o mesmo que o pagão, aquele que desconhece o Deus cristão – e desconhece o modo de existir enquanto o eu-espírito – e, portanto, está numa condição mais inclinada ao desespero diante da necessidade ou falta do possível, uma vez que “*necessitar do impossível significa que tudo se tornou para nós necessidade ou banalidade*”⁴⁴.

Contudo, a descrição que Kierkegaard faz dessa categoria de desesperados é a seguinte:

O determinista, o fatalista são desesperados que perderam o seu eu, porque para eles só há necessidade. Sucede-lhes o mesmo que àquele rei esfomeado, porque todos os alimentos se transformavam em ouro. A personalidade é uma síntese de possível e de necessidade. A sua duração depende pois, como a respiração (*respiratio*), duma alternativa de inspiração e expiração. O eu do determinista não respira, visto que a necessidade pura é irrespirável e asfixia inteiramente o eu. O desespero do fatalista consiste em ter perdido o eu ao perder Deus; carecer de Deus é carecer de eu. O fatalista vive sem Deus⁴⁵.

Viver sem Deus é, para Kierkegaard, viver sem o eu, portanto, em desespero. O desespero é o mesmo que o pecado; porquanto, peca-se quando diante de Deus ou da ideia de Deus não se quer ou se quer ser si mesmo⁴⁶. Aliás, no caso do determinista-fatalista, peca-se por inconscientemente se ignorar infinito. A personalidade não conclui a dialética na relação possível e necessidade, porque se desconhece o possível

⁴² KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 23.

⁴³ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 23.

⁴⁴ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 42.

⁴⁵ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 42.

⁴⁶ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 73.

e o infinito. Contempla-se somente a necessidade e o finito. E na falta da possibilidade, se desespera ou peca por causa da necessidade. O eu é asfiziado. Contudo, salienta o crítico dinamarquês:

O seu [Deus] é a necessidade; pois que tudo sendo possível a Deus, Deus é a possibilidade pura, a ausência de necessidade. Consequentemente, o culto do fatalista é, quando muito, uma interjeição, e, na sua essência, mutismo, muda submissão, impossibilidade de orar⁴⁷.

Como Anti-Climacus já havia considerado, o perder-se na necessidade é mudez, incapacidade de expressar-se ante a existência, porquanto, é na relação corpo-alma, possível-necessidade, entre outras, e tudo isso diante de Deus, que o eu-espírito é reconhecido. A verificação de que o determinista-fatalista é apenas necessidade, rendido ao destino da vida biofísica e material, revela a impossibilidade do possível, bem como a impossibilidade divino – “*Deus é a possibilidade pura*”. Nesta perspectiva, o determinista-fatalista é, por assim dizer, um “niilista”, que assume a responsabilidade desesperada – e isso não é uma virtude para Kierkegaard, está mais para um vício – de viver na dinâmica do estágio estético.

Kierkegaard sugere que não há possibilidade de uma negação de Deus em absoluto, nem mesmo para o determinista-fatalista, uma vez que estes são guiados pelo *deus necessidade*. Algo deveria, portanto, assumir o lugar da divindade cristã, algo material e tangível, algo manipulável, que não exigisse mais do que a realidade apresenta, porque o possível não está à disposição do determinista-fatalista de Kierkegaard. Daí é que vem a crítica de Anti-Climacus, da incapacidade do possível, que se descreve na incapacidade da oração:

Orar é ainda respirar, e o possível está para o eu assim como para os pulmões o oxigênio. Como não se respiram o oxigênio ou o azoto isolados, tampouco a prece se alimenta isoladamente de possível ou de necessidade. Para orar é necessário um Deus, um eu – e possível, ou um eu e possível no seu sentido sublime, porque Deus é o absoluto possível, ou, por outras palavras, a possibilidade pura é Deus; e só aquele que um tal abalo fez nascer para a vida espiritual, compreendendo que tudo é possível, só esse tomou contato com Deus. É porque a vontade de Deus é o possível que podemos orar; não o poderíamos, se ele fosse apenas necessidade, e, por natureza, o homem não teria mais linguagem do que o animal⁴⁸

Orar é um ato de fé. E a fé é o contrário do desespero⁴⁹. Mas uma coisa e outra estão falta para o determinista-fatalista. E Kierkegaard continua fiel a sua crença luterana, que afirma que a fé é dádiva divina⁵⁰. Não é algo vendido a baciada na feira, como expressou Gouvêa⁵¹. Sem fé, diz o autor da carta aos Hebreus, “*é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam*” (Hb 11,6). Por isso, não ora o determinista-fatalista, porque a fé lhe falta, juntamente com o possível.

Ao atentar-se apenas para a necessidade, o determinista-fatalista torna-se também materialista, no sentido mais simples do termo, que indica que a “única causa das coisas é a matéria”⁵². Abstêm-se da eternidade. Assume-se como coisa, não como ser, ou ao menos não como *eu-para-eternidade*. No máximo, um *ser-para-morte*. Ao

⁴⁷ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 42.

⁴⁸ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 42.

⁴⁹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 42.

⁵⁰ Cf. CA, Art.4., p.30.

⁵¹ GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Jesus e Kierkegaard** (VÍDEO). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5PapKr0P5As>. Acesso em 02 de março de 2021.

⁵² Cf. ABBAGNANO, **Dicionário de Filosofia**, p.649.

tomar a figura do rei Midas, que com um simples toque faz tudo se transformar em ouro (ouro que é símbolo de riqueza e preciosidade, mas que não é nunca comestível), morre em sua insaciável necessidade, Kierkegaard demonstra o quão terrível é a categoria do determinista-fatalista⁵³.

Sem dúvida, fatalistas e deterministas têm imaginação suficiente para desesperar do possível e suficiente possível para sentirem sua insuficiência. [...] Carecem do possível fatalistas e deterministas para a sua avisar e acalmar para temperar a necessidade⁵⁴.

A carência do possível, diz Kierkegaard, é a carência de Deus⁵⁵. A existência humana é sempre um existir *coram Deo*. O torna-se eu, ou espírito, na relação infinito-finito é sempre diante de Deus ou da ideia de Deus. Deus é, para o cristão Anti-Climacus, o possível que proporcionaria a inspiração a esta categoria de pessoas, mas isto lhes falta.

Disto isso, é preciso considerar que os deterministas-fatalistas de Kierkegaard são pessoas reais. Há, vendo a lógica kierkegaardiana, que esta categoria de pessoas, estejam inclusas aquele tipo que ignora ser um espírito, o grau mais baixo do desespero. Mas parece haver aqui um confronto com a filosofia do seu tempo, especialmente o sistema de Hegel, que reduziu a existência a termos generalistas e impessoais. Sem querer pormenorizar esse assunto, já que não é a proposta deste trabalho, o fato é que perspectivas como essas retiram do ser a transcendentalidade e rompendo aquela síntese do finito e do infinito que é o eu, e cuja influência também tornou s imanente a teologia e, conseqüentemente, a própria vida religiosa.

3.2 O Filisteu

A segunda categoria que Anti-Climacus, *alter ego* kierkegaardiano, apresenta é o Filisteu. Kierkegaard recorre aqui a uma figura bíblica. O filisteu é uma referência aos povos canaanitas que, no Antigo Testamento, são apresentados como um povo em conflito com Israel. Todavia, parece que o ponto aqui é o lugar limítrofe em que os filisteus ocupavam em relação a Israel. O filisteu é a figura fronteira entre o determinista-fatalista e o crente. Ele apresenta traços de ambos as outras categorias, mas continua na condição de desesperado na necessidade.

O filisteu kierkegaardiano é o burguês, que acolhe a sua condição com naturalidade. Esse filisteu “*está totalmente absorvido nas coisas materiais e comuns, sem ter consciência de que poderia haver algo mais na vida*”⁵⁶. Seguindo provavelmente o modelo EAT Hoffman, o filisteu kierkegaardiano também não experimenta o dualismo, “*pois só vive o mundo exterior*”⁵⁷.

Assim, ele “*é um cristão na cristandade, que ao domingo vai ao templo, escuta e compreende o pastor, pois são compadres, e quando morre o outro, por dez moedas introdu-lo na eternidade – mas quanto a ser um eu, nunca o foi, nem antes nem depois*”⁵⁸. Ser “*cristão na cristandade*” é algo óbvio.

⁵³ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 42.

⁵⁴ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 43

⁵⁵ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 42.

⁵⁶ WATKIN, Julia. **Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy**. Lahan: Scarecrow Press, 2001, p.193.

⁵⁷ HUBER, Valburga. **A simbologia do olhar no conto Der Sandmann de E.T.A. Hoffmann**. In: VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2004. Rio de Janeiro: Língua e linguagem nos textos literários, 2004. v. 7. p. 19.

⁵⁸ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 23.

Cabe aqui uma brevíssima digressão. O conceito de cristandade é a união entre cultura (ou estado) e cristianismo, criando uma cultura cristianizada, mas que necessariamente não produz uma experiência existencial religiosa. Como descreve Anti-Climacus, é como um holandês na Holanda – nada mais natural que isso. Trata-se de alguém que está incorporado por direito de nascimento com uma orientação sociocultural, a qual dita-lhe o comportamento⁵⁹, como conclui Julia Watkin,

o filisteu pode, na verdade, ser qualquer pessoa na sociedade. Em termos seculares, essa pessoa pode até ser um cidadão bem-sucedido, bem-educado e culto, respeitado por todos. O problema do filisteu, no entanto, é o de uma total falta de liberdade real, no sentido de que o filisteu nunca exerceu uma escolha real. Tal indivíduo vive sob a ilusão de que faz escolhas na vida, mas na verdade está envolvido na hipocrisia inconsciente de seguir a etiqueta normativa e a prática da sociedade – e ode até apresentar razões práticas para isso⁶⁰.

Anti-Climacus está interessado em demonstrar que ser cristão é mais do que consequência de nascer na cristandade. Há, portanto, uma denúncia de Kierkegaard contra o grande público dos “cristãos dinamarqueses”, que o eram sem, contudo, terem exercido uma escolha, uma opção baseada numa experiência do pecado-desespero diante de Deus, como tiveram o apóstolo Paulo, santo Agostinho ou mesmo Martin Lutero.

A crítica de Kierkegaard ao filisteu-burguês é, contudo, não recai apenas sobre esse indivíduo, mas é também contra o sistema religioso que não possibilitado seu tempo. O filisteu se dá ao luxo de não se preocupar ou desesperar com a perda da eternidade, porquanto, a religião oficial tratava de espiritualizar as demandas materiais e comuns a tal ponto, que nada poderia lhe fazer olhar para o possível e para o eterno que há no eu.

Para Kierkegaard, o filisteu é assim, porque a Igreja institucionalizada é, por assim dizer, cristianizada sem ser realmente cristã, no sentido mais intenso que esse termo possa significar para o crítico dinamarquês. E, conseqüentemente, isso não possibilitava a experiência do desespero diante de Deus. O filisteu kierkegaardiano é “a-espiritualizado”⁶¹, em algum sentido que é capaz de compreender racionalmente as demandas éticas do cristianismo, de entender os aspectos socioculturais da religião, mas ainda assim permanece ele no campo ético, incapaz de uma síntese com finalidade espiritual⁶². Afinal, não se trata apenas em acreditar ou ter fé em Deus, mas é preciso da vontade do eu em ser ele mesmo perante Deus⁶³.

Exemplos do filisteu podem ser encontrados nas descrições de Kierkegaard do jovem culto, mas sem religião, que se vê compelido a seguir os passos de ser cristão quando seu bebê é batizado, ou o comerciante que frequenta a igreja porque vê isso como uma necessidade forma de garantir a confiança e os negócios de seus clientes⁶⁴.

O filisteu, por outro lado, sobressai ao meramente estético; consegue deixar a adega e subir ao térreo, como na ilustração bem conhecida de Kierkegaard⁶⁵. Uma vez que a cristandade constrói e estabelece a ética e a moralidade sob os fundamentos cristãos, mesmo que não seja necessário a admissão da fé, em sua experiência final

⁵⁹ WATKIN, *Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy*, p.193.

⁶⁰ WATKIN, *Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy*, p.193.

⁶¹ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo*. São Paulo: Novo Século, 2000, p.251.

⁶² KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 45.

⁶³ GOUVÊA, *Paixão pelo Paradoxo*, p.252.

⁶⁴ WATKIN, *Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy*, p.193.

⁶⁵ KIERKEGAARD, *O Desespero Humano*, p. 45.

diante de Deus, traços da fé, enquanto *fides quae*, são parte da vida do ente humano nesse estágio.

Com efeito, [o filisteu em] sua sabedoria gaba-se de dispor do possível e de ter retido sua imensa elasticidade na armadilha do provável. Assim ela supõem, e o nosso filisteu passeia-o na gaiola do provável, exhibe-o e julga-se o seu dono, sem pensar que desse modo se engaiolou a se mesmo, se tornou escravo da tolice e o último dos párias [...]. [Assim] se crispa desesperado e se desarticula no real triunfo no seu erro o filisteu⁶⁶.

Essa categoria, portanto, continua, como qualquer outra, fazendo a experiência do desespero. Porém, há uma espécie de insensibilidade espiritual. Uma dinâmica existencial muito próxima do determinista-fatalista, mas não tão sensual. Ao mesmo tempo, uma dinâmica cristã, embora apenas ética e socialmente, experimentadas. Limita-se ao material e ao finito. Parmence no desespero, sem qualquer mínima imaginação de algo para além de si próprio. Não transcende. Desesperado, não reconhece tal condição.

3.3 O Crente⁶⁷

Por fim, a última categoria que Søren Kierkegaard apresenta é o crente. O crente de Kierkegaard não é uma pessoa religiosa apenas, não importando qual é a sua religião. Não há como negar o forte apelo de Kierkegaard, como cristão ortodoxo⁶⁸. O crente é um cristão; e o Deus a quem se refere é o Deus bíblico, com todos os atributos e designações dentro da tradição cristã⁶⁹. Porém, esse cristão não se torna ou se faz tal. Aquele que a si mesmo se faz cristão, este é o filisteu, visto anteriormente. O crente de Kierkegaard é o grau mais elevado da existência, para quem o desespero deixou de ser um problema, como categoricamente afirma Kierkegaard: “o crente tem no possível o eterno e seguro antídoto do desespero”⁷⁰.

Deixou de ser o desespero uma doença mortal, porque conduzido pelo desespero para diante de Deus, o ente humano não deixou toda a ignorância de sua eternidade na contemplação do Eterno. Não fraquejou, recusando ser ele mesmo, mas também, não assumiu o risco do desafio da existência-para-a-eternidade por si mesmo. O crente lança-se no Possível Absoluto, que é Deus, por isso mesmo não existe para ele falta (Salmo 23,1).

Na verdade, diante da necessidade, do real, o crente sempre contará com o possível. No seu impossível, Deus é absoluto possível. O antídoto para o desespero na necessidade é Deus. Dito doutra maneira, a fé em Deus é o contrário de qualquer modo de desespero – “o contrário do desespero é crer”⁷¹. O crente é, portanto, o resultado do desesperado que, diante de Deus ou da ideia de Deus, rende-se pela fé que é encontrada na crise do seu próprio desespero, porque Deus pode a todo instante⁷². É a partir desse enfrentamento, que se torna possível a esperança – embora Kierkegaard não dê maior atenção a esse termo ou a essa virtude teológica, com chamam os teólogos.

⁶⁶ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p.43.

⁶⁷ O termo crente é relativo aquele que crê, independentemente do credo religioso. Diferente do uso pelo senso comum brasileiro, onde a palavra crente serve para designar o protestante ou evangélico. Apesar de Kierkegaard ser um protestante, esse uso comum deve ser evitado.

⁶⁸ GOUVÊA, **Paixão pelo Paradoxo**, pp.90-96.

⁶⁹ Cf. WATKIN, Julia. **Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy**, p.96-97.

⁷⁰ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p.42.

⁷¹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p.19.

⁷¹ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p.19.

⁷² KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p.42.

De qualquer forma, esse é “o combustível da fé, que resolve as contradições”⁷³. Assim descreve Anti-Climacus o seu crente:

O crente vê e apercebe-se na sua perda – no que sofreu ou no que ousou – como homem, mas crê. É o que o livra de perecer. O modo de socorro deixa a Deus, e contenta se em crer que a Deus tudo é possível. Impossível lhe é crer na sua perda. compreender que humanamente isso é a sua perda e acreditar ao mesmo tempo no possível, a crer⁷⁴.

Não se trata de uma superação do desespero por uma percepção do seu surgimento do eu. O possível que a pessoa precisa no devir como eu, como espírito, é somente possível de Deus, que por fé se realiza no ente humano. Aqui, é preciso retomar toda a tradição agostiniana e, porque não ressaltar também, luterana de Kierkegaard, uma vez que a última tradição se assenta sobre o tema da *salvação somente pela fé*⁷⁵ – a qual não é outra coisa que não dádiva de Deus, jamais será obra humana (cf. Efésios 2,8-9). Mais uma vez, filosofia e teologia se encontram e se dão as mãos em Kierkegaard.

Como dito na primeira parte deste trabalho, Lutero é o grande mestre de Kierkegaard⁷⁶. E como tal, é necessário que salientar que a fé não é obra da engenhosidade humana e de nada que humanamente possa ser realizada, tampouco que se trata de uma virtude qualquer. Comentado a carta aos Gálatas, Lutero afirma:

Este é o verdadeiro meio de se tornar um cristão, até mesmo de ser justificado pela fé em Jesus Cristo, e não pelas obras da lei. Aqui devemos nos posicionar, não sobre o brilho perverso dos escolásticos, que dizem que a fé então justifica, quando a caridade e as boas obras se juntam. Com este brilho pestilento, os sofistas obscureceram e corromperam esta e outras sentenças semelhantes em Paulo, nas quais ele manifestamente atribui a justificação à fé apenas em Cristo. Mas quando um homem ouve que deve crer em Cristo e, apesar da fé não justificar, a menos que seja formada e fornecida com caridade, aos poucos ele cai da fé, e assim pensa: Se a fé sem caridade não justifica, então é fé em vão e inúteis, e somente a caridade justifica; pois a menos que a fé seja formada e embelezada com a caridade, não é nada⁷⁷.

De acordo com Battista Mondin, o apelo da obra geral de Kierkegaard é mais teológica que filosófica, trazendo uma demonstrar de como se tornar cristão⁷⁸. De

⁷³ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 42. Essa expressão de Kierkegaard se assemelha com a Calvino, quando ele afirma: fé crê que Deus é nosso Pai; a esperança espera que se mantenha sempre assim para conosco. A fé crê que nos é dada a vida eterna; a esperança espera que um dia se nos revelará. A fé é o fundamento sobre o qual a esperança repousa; a esperança alimenta e sustenta a fé. Pois, assim como só pode esperar algo de Deus aquele que antes tenha acreditado em suas promessas, é necessário, da mesma maneira, que a fragilidade de nossa fé seja sustentada e mantida esperando e confiando com paciência, a fim de que não caia desfalecida [grifo nosso]. Cf. CALVINO, João. **Instituições da Religião Cristã**, Tomo II. São Paulo: UNESP, 2009, III.2.42, p.66.

⁷⁴ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 41.

⁷⁵ Cf. LUTHER, Martin. **Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians**. Albany: AGES Library, 1997, p.153. Ricardo Quadros Gouvêa entende que o agostinianismo mais conhecido por Kierkegaard é a versão luterana ou luteranizada, “em que a ênfase era posta no Agostinho anti-pelagiano, oponente da justificação pelas obras, sendo que o luteranismo juntou a isso a sua oposição à justificação pela autoridade eclesiástica e pelo sistema sacramental. O Agostinho protestante é aquele cuja principal proclamação é a corrupção humana pelo pecado original e a salvação pela graça mediante a fé a partir dos decretos eternos de Deus (predestinação)”. Cf. GOUVEA, Ricardo Quadros. **Kierkegaard Lendo Agostinho**: Introdução a um Diálogo Filosófico-Teológico. In: **Fides Reformata**, 4/2 (1999), p.28.

⁷⁶ ARANGUEREN, José Luis L. **Introducción**. In: KIERKEGAARD, Soren. **Diario Íntimo**. Barcelona: Planeta, 1993, p. XIV.

⁷⁷ LUTHER, **Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians**, p.153.

⁷⁸ MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**, v.3. São Paulo: Paulinas, 1986, p.67.

alguma maneira, o crítico dinamarquês assume a defesa da fé cristã diante religiosidade nominal, procurando reestabelecer a dimensão existencial dessa crença mediante a fé, que surge em meio à crise do ser diante de Deus. Por certo, a percepção de Kierkegaard fossem a contemplação dos personagens bíblicos, cujos dramáticos encontros com o Deus cristão foram transformadores, como o caso emblemático de Paulo de Tarso, o apóstolo⁷⁹.

É da crise que surge o crente. Nela em se percebe como síntese, como espírito diante de Deus. É diante de Deus, desespero-fraqueza e desespero-desafio deixam de ser alguma coisa. O crente, o cristão de Kierkegaard se torna imune ao desespero, reconhecendo sua face, mas dela desdenhando por conta do Deus, no qual ele crê. Por isso, escreve Anti-Climacus:

O único que conhece a doença mortal é o cristão. Porque o cristianismo lhe dá uma coragem ignorada pelo homem natural – coragem recebida com receio do maior grau de horrível. Verdade é que a coragem a todos é dada e que o receio dum maior perigo nos dá forças para afrontar um menor. E, finalmente, que o infinito temor de dum único perigo torna inexistentes todos os outros. Não obstante, a lição horrível do cristão está em ter aprendido a conhecer a doença mortal⁸⁰.

Isso não significa que o crente kierkegaardiano se torne uma espécie de ser transcendente. Conhecer e reconhecer o desespero e mesmo enfrentar a angústia é parte da caminhada em fé. Neste sentido, Mondin está correto ao considerar que, para Kierkegaard, “a fé cristã inclui o risco, a interioridade, o sofrimento”⁸¹. É neste sentido que há o paradoxo da segurança-risco, que não pode ser compreendido apenas em categorias racionais ou mesmo éticas. O ter a existência diante de Deus é libertadora do desespero e não-é ao mesmo tempo – como na fórmula *simul iustus et peccator* de Lutero. Todavia, o *crente* de Anti-Climacus é o mesmo que o *cavaleiro da fé* de Johannes de Silentio, em *Temor e Tremor*, alguém que, a partir da experiência do salto, vive a imanência em todas as suas dimensões e com a responsabilidade⁸². Assim, resume *De Silentio*:

Voltar porém a cair de tal modo que se dê a impressão do êxtase e da marcha ao mesmo tempo; transformar em andamento normal o salto; exprimir o impulso sublime num passo terreno; eis o único prodígio de que só é capaz o cavaleiro da fé⁸³.

A existência em fé é a marca do crente. Mas trata-se da existência com todos os seus riscos e angústias, não se trata de resignação, não se trata de renúncia da temporalidade e de tudo o que ela traz consigo⁸⁴, é fé, é crer, como explica Gouvêa:

⁷⁹ Paulo de Tarso ou ainda São Paulo foi um judeu convertido ao cristianismo que pertencia a seita dos fariseus, um dos grupos mais conversadores do judaísmo antigo. A narrativa bíblica indica que ele teria sido discípulo de Gamaliel, neto de Hilel, fundador de uma das mais importantes escolas rabínicas do século I d.C. Paulo, como fariseu, foi perseguidor dos primeiros judeus cristãos, consentindo na morte de protodiácono Estevão (At 8,1). Segundo a narrativa do Novo Testamento, Paulo teria tido uma experiência de conversão ao ter uma visão de Jesus Cristo, enquanto ia a procura de cristãos em Damasco, na Síria (cf. At 9,1-30). A experiência de conversão de Paulo tornou-se uma espécie de paradigma da radicalidade e crise da conversão. Experiências similares passariam, por exemplo, Agostinho de Hipona e o próprio Martin Lutero.

⁸⁰ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p. 16.

⁸¹ MONDIN, **Curso de Filosofia**, p. 67.

⁸² KIERKEGAARD, Søren. **Temor e Tremor**. In: **Os Pensadores: Kierkegaard**, 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p.132.

⁸³ KIERKEGAARD, **Temor e Tremor**, p.132.

⁸⁴ KIERKEGAARD, **Temor e Tremor**, p.137.

Mas na religiosidade B o indivíduo chega a uma relação com o eterno no tempo, na realidade factual; a relação com o eterno é, neste estado-de-espírito, um evento no tempo e na existência e não meramente uma relação atemporal no pensamento. A felicidade eterna do indivíduo é decidida no tempo através de uma relação com a figura histórica do Deus-homem, Jesus Cristo⁸⁵.

Portanto, por essas e outras tantas questões apresentadas em todo *O Desespero Humano*, de Anti-Climacus, é que a meditação do Preâmbulo faz todo sentido para o crente, isto é, para o cristão.

No entanto, para o cristão, a morte de modo algum É o Fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna. a morte implica para nós infinitamente mais Esperança do que a vida comporta, até mesmo quando saúde e força transbordam. nesse sentido, para o cristão nem mesmo a morte é doença mortal, e muito menos todos os sofrimentos temporais: desgostos, doenças miséria, aflição, adversidades, torturas do corpo ou da alma, magoas e luto. [...] nada é doença mortal aos olhos do cristão⁸⁶.

O desespero, enquanto doença para a morte, que consiste na perda da eternidade, no não-ser eterno, é uma condição que não se sustenta diante da fé, que se alimenta da esperança da eternidade. Não de uma esperança assumida mediante o uso da inteligência ou razão, ou mesmo por meio de uma participação da religiosidade comumente aceita, mas duma experiência de crise, do desespero – em suas mais variadas dimensões, como propostas por Kierkegaard – que conduz a pessoa ao Deus do possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se refletir sobre as categorias de desesperados que Kierkegaard apresenta em *O Desespero Humano*, Primeira Parte, Livro III, Capítulo I. O determinista-fatalista, o filisteu e o crente apresentam realidades e modos distintos de relacionar-se com o desespero, a doença para a morte, que é, em sua forma final, o pecado. A partir da teologia cristã, Kierkegaard reitera a percepção de que o pecado estabelece a separação entre o ser humano e o Deus cristão (cf. Is 59,1-3). Não apenas isso, mas também desestrutura o próprio *eu*, que não mais é capaz de lidar com as dimensões próprias da existência.

Nesse sentido, e sequer tentando um contraponto ou refutação, o existencialismo de Kierkegaard oferece uma interpretação muito diferente do *ser-para-morte* heideggeriano, ou seja, para o dinamarquês, a existência é *ser-para-a-eternidade*. Contudo, nunca uma existência incorpórea, desumanizada ou ainda mística ou escatológica. Antes o paradoxo da fé cristã, que ele propõe, é uma experiência que acontece no mundo, no real, no solo empoeirado desta terra. Um encontro, no salto, com a Transcendência, mas que se torna transformador da imanência, enchendo-a de esperança – o que fora do pensamento kierkegaardiano é o contrário do desespero. Aliás, é a esperança que alimenta a fé que move na imanência o crente⁸⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**, .ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ABBAGNANO, Nicola. **Storia della Filosofia**, v.3. Torino: UTET, 2003.

⁸⁵ GOUVÊA, **Paixão pelo Paradoxo**, p.221.

⁸⁶ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p.42.

⁸⁷ KIERKEGAARD, **O Desespero Humano**, p.42.

- AGOSTINHO. **A Graça (I)**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ARANGUEREN, José Luis L. **Introducción**. In: KIERKEGAARD, Soren. **Diário Intimo**. Barcelona: Planeta, 1993.
- BÍBLIA SAGRADA**. Almeida Revista e Atualizada, 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CALVINO, João. **Instituições da Religião Cristã**, Tomo II. São Paulo: UNESP, 2009.
- CONFISSÃO DE AUGSBURGO. In: **Livro de Concórdia**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1992.
- GONI, Carlos. **Kierkegaard: Estamos solos ante nosotros mismos y ante Dios**. España: RBA, 2015.
- GOUVEA, Ricardo Quadros. **Kierkegaard Lendo Agostinho: Introdução a um Diálogo Filosófico-Teológico**. In: **Fides Reformata**, 4/2, 1999.
- GOUVEA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo Paradoxo**. São Paulo: Novo Século, 2000.
- HANNAY, Alastair. **Spirit and the Idea of the Self as a Reflexive Relation**. In: PERKINS, Robert L. (ed.). **International Kierkegaard Commentary: Sickness unto Death**, Vol. 19. Macon: Mercer University Press, 2001.
- HUBER, Valburga. **A simbologia do olhar no conto Der Sandmann de E.T.A. Hoffmann**. In: VII **Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2004. Rio de Janeiro: Língua e linguagem nos textos literários, 2004. v. 7. p. 19-26.
- KINS, Robert L. (ed.). **International Kierkegaard Commentary: Sickness unto Death**, Vol. 19. Macon: Mercer University Press, 2001.
- KIERKEGAARD, Søren. **Conceito de Angústia**, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2017 [Kindle edition].
- KIERKEGAARD, Søren. BRETALL, Robert (ed.), **A Kierkegaard Anthology**. New York: The Modern Library, 1946.
- KIERKEGAARD, Søren. **Diário Íntimo**. Barcelona: Planeta, 1993.
- KIERKEGAARD, Søren. **O Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- KIERKEGAARD, Søren. **Temor e Tremor**. In: **Os Pensadores: Kierkegaard**, 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- KIERKEGAARD, Søren; HANNAY, Alastair (ed). **Concluding Unscientific Postscript to the Philosophical Crumbs**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LUTHER, Martin. **Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians**. Albany: AGES Library, 1997.
- MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**, v.3. São Paulo: Paulinas, 1986.
- PERKINS, Robert L. (ed.). **International Kierkegaard Commentary: Sickness unto Death**, Vol. 19. Macon: Mercer University Press, 2001.
- POLITIS, Hélène. **Le Vocabulaire de Kierkegaard**. Paris: Ellipses, 2002.
- SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. **A existência ética e religiosa em Kierkegaard: continuidade ou ruptura?** (Tese). São Carlos: UFSCar, 2010, p.108. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4776/3042.pdf?sequence=1>.
Acesso em 28 de março de 2019.

WATKIN, Julia. **Historical Dictionary of Kierkegaard's Philosophy**. Lahan: Scarecrow Press, 2001.